



Revista Latinoamericana de  
Psicopatologia Fundamental

ISSN: 1415-4714

[psicopatologiafundamental@uol.com.br](mailto:psicopatologiafundamental@uol.com.br)

Associação Universitária de Pesquisa em  
Psicopatologia Fundamental  
Brasil

Stoppel de Gueller, Adela Judith  
Introdução a “Contribuições para a sexualidade infantil”, de Moshé Wulff  
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 19, núm. 3, septiembre,  
2016, pp. 500-511  
Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233049451009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Introdução a “Contribuições para a sexualidade infantil”, de Moshé Wulff\*<sup>1</sup>

Adela Judith Stoppel de Gueller\*<sup>2</sup>

500 “Contribuições para a sexualidade infantil” é um dos primeiros trabalhos sobre psicanálise com crianças. Nesse artigo, Moshé Wulff descreve detalhadamente três casos de crianças que sofriam de ataques histéricos frequentes. Com sua apresentação, o autor ingressou na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1911, e a leitura desse trabalho tornou-se obrigatória para os analistas em formação. Considerado por Freud “um dos autores que falaram inteligentemente da neurose infantil”, Wulff também se ocupou da tradução de diversas obras de Freud para o russo e o hebraico, além de ter sido médico da família de Serguei Pankeiev (ou o Homem dos Lobos), em Odessa.

**Palavras-chave:** Moshé Wulff, histerias na infância, sexualidade infantil, história da psicanálise

\*<sup>1</sup>Este trabalho faz parte da pesquisa de pós-doutorado *Escritas da clínica psicanalítica com crianças: história e transmissão da experiência*, de Adela Judith Stoppel de Gueller, realizada sob a supervisão da Profa. Dra. Ana Costa, no Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e tem financiamento da Capes.

\*<sup>2</sup>COGEAE-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, Sp, Br).

**Apresentação de Moshé Wulff (1878-1971)<sup>1</sup>**

Ainda pouco conhecido em nosso meio, Moshé Wulff foi um dos primeiros psicanalistas que trabalharam com crianças. Sua produção nesse campo conta com mais de 30 artigos, e, embora seja cronologicamente o primeiro, este é o terceiro texto seu traduzido para o português.<sup>2</sup>

Nascido na Ucrânia, em Odessa, em 5 de outubro de 1878, Wulff, como muitos outros correligionários judeus, viu-se impedido de estudar no império russo e partiu para Berlim, onde se matriculou no curso de medicina. Encontrou a psicanálise pela primeira vez em 1907, no sanatório psiquiátrico de Mendel, onde leu “Estudos sobre a histeria” e, mais tarde, “Psicopatologia da vida cotidiana”. Ali especializou-se em psiquiatria e se tornou médico-assistente no Hospital da Caridade, de Theodor Ziehen (1862-1950). Pouco depois, na clínica psiquiátrica de Otto Juliusburger, conheceu Karl Abraham, de quem se tornou um dos discípulos mais próximos (Liebermann, 2012, p. 195). Freud, Abraham, Ferenczi e Juliusburger são os autores mais citados em seus textos. Alguns autores dizem que Abraham teria sido seu analista, outros, seu supervisor, outros afirmam que, como muitos pioneiros, Wulff nunca teria feito análise (Liebermann, 2012, p. 195).

501

<sup>1</sup> Encontram-se diferentes grafias para o nome do autor: Mosche Wulff, Moshe Woolf, Moisej Vul'f e Moissej Wulf.

<sup>2</sup> Os outros dois são: “Sobre um interessante complexo sintomático oral e sua relação com a adição” (1932), que consta em *Bulimia*, organizado por B. Brusset, C. Cuvreur e A. Fine e publicado em 2003, em São Paulo, pela Escuta, ainda é referência para trabalhos psicanalíticos sobre transtornos alimentares, e “Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância” (1946), publicado em 2011 na revista *Percorso*, n. 40, com interessantes notas de Decio Gurfinkel. Neste último, Wulff discute o conceito de fetichismo na infância e relata vários casos, concentrando-se no que, cinco anos mais tarde, Winnicott chamaria de *objeto transicional*.

Em 1911, volta a Odessa e começa a se corresponder com Freud e com Ferenczi. Ali, junto com Nicolás Vyubov, funda uma revista denominada *Psychotherapija*, na qual apresenta pela primeira vez aos leitores russos um panorama da literatura psicanalítica e começa a traduzir textos de Freud. Também trabalha como clínico e atende vários membros da família de Serguei Pankeiev (o Homem dos Lobos). A maioria dos comentadores omite esses dados. De acordo com a dra. Ruth Brunswick, segunda analista de Sergei Pankeiev, Moshé Wulff conheceu e atendeu o Homem dos Lobos e seus familiares (Brunswick, 1976, p. 215), mas o próprio Serguei, em suas memórias, não fala no dr. Wulff. Menciona vários professores e médicos e chega a dizer que provavelmente Leonid Drosnes (Dr. D) era a única pessoa em Odessa que sabia da existência de Freud e da psicanálise (Rice, 1993, p. 102).

A dra. Brunswick, que entre 1926 e 1927 analisou Der Wolfsmann, que se queixava de uma ideia fixa que ela caracterizava como hipocondríaca, relatou que, em princípios de 1924, ele começou a ter dificuldades com os dentes e visitou o “dr. Wolf, que vaticinou que ele logo perderia sua dentição pela forma de morder. Por causa dessa previsão, ele não voltou a esse dentista e foi procurar outros” (Rice, 1993, p. 184). Ela se surpreende com a coincidência do nome do médico. Terá sido essa a razão pela qual ele depois se esqueceria de sua relação com o dr. Moshé Wulff? (Brunswick, 1976).

Numa entrevista concedida em 1962, Wulff conta que conheceu Serguei Pankeiev numas férias, em 1911 ou 1912, e que tratou de seu pai, que sofria de forte depressão e bebia até desmaiar. Conta também que a mãe de Serguei morava numa casa de dois andares, com quatro filhos e seu próprio pai, que sofria de arteriosclerose. Era uma casa sombria. A mãe estava de luto — e se culpava — pelo suicídio de uma filha. Vestia-se sempre de preto e ia todos os dias ver o túmulo. Dois outros parentes do Homem dos Lobos eram pacientes do dr. Wulff. Ele menciona um que tinha 15 anos e era esquizoide ou levemente esquizofrênico. A última vez que Wulff viu a mãe do Homem dos Lobos foi depois da Revolução, quando haviam tomado vários quartos de sua casa, e ela teve que dividir o teto com desconhecidos (Fassung, 1962<sup>3</sup> apud Klooche, 2002, p. 24).

Em 1914, Wulff se mudara para Moscou. Foi médico-militar na frente de batalha na Primeira Guerra Mundial e trabalhou em diversas instituições psiquiátricas. Favorável à revolução bolchevique de outubro de 1917, foi

<sup>3</sup> Fassung, I. Entrevista com Wulff: 27 jul. 1962. Library of Congress, p. ZR 16, S 2-3.

chamado a colaborar em vários projetos no campo da medicina e da educação, abrindo uma grande clínica psiquiátrica e um departamento especializado no tratamento psicanalítico. A partir de 1920, trabalhou como psiquiatra no hospital militar de Moscou e casou-se com Assia, uma artista plástica russa não judia com quem ficaria até o fim de sua vida, em 1971.

Nomeado professor na universidade em 1921, fundou com o matemático Otto Schmidt (1891-1956), Alexander Bernstein e Ivan Dimitrievitch Ermarkov a Associação Psicanalítica de Pesquisas sobre a Criação Artística, que foi a primeira sociedade freudiana russa. “Essa denominação revela uma peculiaridade: o freudismo não é apenas um assunto de médicos e psicólogos, mas sim objeto de um discurso geral do qual participam intelectuais, poetas, filósofos da religião, pedagogos, teóricos da literatura e revolucionários profissionais”, como afirma Sabine Richebacher (2012, p. 267). Inicialmente, teve oito membros, dos quais três eram médicos psiquiatras. Wulff escreve a Freud uma carta entusiasmada contando esses acontecimentos e informando-o de uma editora que estava interessada em publicar textos sobre psicanálise. Ermacov seria o redator e ele próprio, o secretário; publicariam as conferências de Freud, que Wulff traduziria, segundo dizia ao autor numa carta de 1921. Além das Conferências, em 1923, eles publicaram mais de 20 textos de Freud, na coleção Biblioteca Psicanalítica e Psicológica.

Em 1922, Wulff participou da criação da Sociedade Psicanalítica da Rússia, que contava com sete membros, entre os quais estavam Vera Schmidt, o psicólogo Pavel Petrovitch Blonski (1884-1941) e o psiquiatra Yuri Kannabikh. Quando se anuncia no Congresso Psicanalítico de Berlim a fundação dessa Associação, Freud e Sabina Spielrein<sup>4</sup> apoiam o projeto, enquanto Ernest Jones se opõe, com o argumento de que a Associação ainda não cumpria os requisitos formais (Cromberg, 2008, p. 32). Logo surgiram conflitos entre a Sociedade russa, instalada em Moscou, e a de Kazan, fundada por Aleksandr Romanovitch Luria, que reunia essencialmente médicos, mas finalmente chegou-se a um acordo que permitiu a criação, em Moscou, de uma Associação Psicanalítica Russa reunindo todos os grupos (Moscou, Kazan, Kiev e Rostov). Assim, em 1923, 30 dos 240 membros oficiais da Associação Psicanalítica Internacional eram russos.

<sup>4</sup> Ao chegar a Moscou, Sabina Spielrein se integra à Associação Psicanalítica russa e participa da presidência, composta por cinco membros (Cromberg, 2008).

Em Moscou, junto a Ermacov, Spielrein e Vera Schmidt, Wulff foi colaborador científico<sup>5</sup> de um abrigo em Zermacow onde havia seis educadores junto a 30 crianças com idades de 1 a 5 anos, divididas em quatro grupinhos, com quem se fizeram experiências de uma educação com menos represões para evitar as neuroses. Os educadores eram convidados a não reprimir a masturbação e a estabelecer com as crianças relações igualitárias. Guiado pela ideia de que a distinção entre fantasia e realidade é gradual e de que era necessário reconhecer a sexualidade infantil, Wulff define a birra como recusa da criança às imposições da realidade. A educação infantil deveria, então, concorrer para dar suporte às crianças para enfrentarem conflitos resultantes do embate entre o narcisismo infantil e o amor próprio com a realidade. Wulff escreve dois textos sobre essa experiência, em 1929 e em 1949.

Ainda em Moscou, junto com Ermacov e Sabina Speilrein, Wulff trabalha na policlínica psicanalítica e num ambulatório infantil. Com a morte de Lenin, em janeiro de 1924, e a ascensão de Stalin, a psicanálise perde a proteção de Troski e pouco depois é decretado o fechamento do Abrigo Infantil. No ano seguinte, em agosto, o instituto estatal de psicanálise é fechado, também por decreto, e a editora estatal suspende a publicação de trabalhos psicanalíticos (Cromberg, 2008, p. 201).

Em 1930, encerrou-se oficialmente a RPV (sociedade russa) e, em 1933, a psicanálise foi condenada por Stalin (Bénestau, 2002, p. 288-289). Embora os contatos entre os psicanalistas russos e ocidentais tenham ficado restritos e os psicanalistas russos só pudessem viajar ao Ocidente em condições excepcionais e com autorização especial dos órgãos públicos, Moshé Wulff e Vera Schmidt conseguiram participar do IX Congresso Internacional de Psicanálise, em Bad Homburg (1925), e Moshe Wulff viaja para o X Congresso de Psicanálise, em Innsbruck (1927), quando se estabelece em Berlim, abandonando seus bens na Rússia. Ali ficou até o advento do nazismo, em 1933 (Cromberg, 2002).

No Sanatório Schloss Tegel, instituição dirigida por Simmel e onde Wulff trabalhou até 1930, conheceu pessoalmente Freud, que visitou o local em 1928 e 1930 (Bunzl & Beit-Hallahmi, 2002, p. 152). Não se sabe se Wulff atendeu crianças quando esteve em Berlim no tempo em que, por iniciativa de Abraham, já o faziam Ada Schott, uma aluna de Hug-Hellmuth, e Melanie Klein.

<sup>5</sup> Como também Alexander Luria, Boris Friedman e Rosa Abramovna Averbuch, que em 1923 traduziu “Psicologia das massas e análise do eu”, de Freud.

Em 1933, em função do advento do nazismo, Wulff emigra novamente. Dessa vez vai à Palestina, onde se reúne com Max Eitingon e Ilja Schalit. Em carta de 16 de maio do mesmo ano, Freud o autoriza a traduzir suas obras para o hebraico. Wulff foi o primeiro membro da Associação Psicanalítica de Berlim que emigrou para a Palestina, onde fundou, em 1934, com Max Eitingon, a primeira sociedade psicanalítica no futuro Estado de Israel, a Hachevra Hapsychoanalytic Be-Israel (HHBI) (Roudinesco, 2012, p. 16). Nesse momento, a Sociedade Psicanalítica da Palestina contava com seis membros (Chemouni, 1988, p. 154). Após a morte de Eitingon, Wulff presidiu-a durante dez anos. Formou ali toda a elite que dirigiu as instituições de saúde mental, formou professores e educadores de jardins de infância e foi analista didata. Seus cursos para pedagogos foram editados com o título *A mente da criança* (1946) e adotados como livros de texto por psicólogos e educadores.

Como, a partir de 1930, o perigo nazista se estendia, muitas instituições de crianças judias foram transferidas da Alemanha para a Palestina, onde chegavam também milhares de crianças vindas da Áustria, da Tchecoslováquia (atual República Tcheca), da Polônia, da Hungria, da Romênia, dos Bálcãs etc. Essa conjuntura singular fez com que a psicanálise fosse necessária nesse campo (Liebermann, 2012, p. 193). Wulff exerceu grande influência sobre S. Golam, que era chefe do Comitê Central de Educação do movimento Hashomer Hatzair, e isso possibilitou que os conhecimentos da psicanálise penetrassem na educação socialista dos *kibbutzim*. Tel Aviv tornou-se o lugar onde a psicanálise de crianças foi mais forte. Wulff ficou ali até 1940 e foi reconhecido como um dos melhores clínicos do país, teórico da psicanálise, militante fiel e infatigável da causa freudiana e defensor da análise leiga.

505

### **Contribuições para a sexualidade infantil (1912)**

O texto foi apresentado pela primeira vez oralmente em 1911, quando Moshé Wulff se candidatou a membro externo da Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual participou ativamente até 1921. Foi publicado originalmente em 1912, no n. 2 da revista *Zentralblatt für Psychoanalyse* (p. 6-17). A partir desse momento, passou a ser leitura obrigatória para os candidatos à formação da dita Sociedade. Freud o cita no quarto ensaio de “Totem e tabu”, quando discute as zoofobias infantis. Ele retoma o caso Hans e apresenta o caso Arpad,

de Ferenczi; fala de um caso de Abraham e de um menino que apresentou uma fobia de cachorro, do dr. Wulff, “um dos autores que falaram inteligentemente da neurose infantil”. O caso citado por Freud está no fim do presente texto.

*Après-coup*, podemos dizer que os temas mais importantes que Wulff retrabalharia ao longo de sua obra encontram-se em estado incipiente nesse texto: a oralidade, a homossexualidade, o ataque histérico, a fantasia infantil, a angústia de castração em meninas e meninos e a influência patogênica de uma educação muito rígida, além de, já em 1912, pôr em destaque a importância decisiva que a voz da mãe, seu toque e aconchego — muito mais que o leite — têm para bebês bem pequenos.

Wulff descreve detalhadamente três casos de crianças que sofriam frequentes ataques que ele diagnosticou como histéricos. Em cada ataque, havia perda de consciência, acompanhada de olhar gelado, vazio, olhos virados para cima e tremor na boca. Todas as crianças haviam sido superestimuladas sexualmente e sofrido uma súbita e inesperada proibição da atividade sexual por parte de um dos pais. Na interpretação de Wulff, o esforço resultante da repressão da masturbação resultava num ataque que era um equivalente do orgasmo. E as crianças melhoravam quando eram mudadas para um ambiente que atenuava a excitação sexual.

Wulff destaca a relação entre a pulsão sexual e a pulsão de alimentação, que retomaria no texto “Sobre um interessante complexo sintomático oral e sua relação com a adição” (1932), onde também fala de uma mulher que, como prova de amor, exigia doces e balas, que a faziam perder o interesse sexual. Em 1932, ele distinguiu a compulsão das impulsões alimentares, que relacionou às adições, nas quais, por meio da introjeção, o paciente tenta reconstruir relações orais primitivas.

Também fala da importância das fantasias infantis que encontram representações nos contos de fadas, tema que retomará em 1934, em “Fantasia e realidade na vida mental da criança”. Wulff apresentou esse texto como uma conferência diante do Comitê Educacional do Partido Comunista, que planejava proibir a leitura dos contos de fadas e incentivar apenas a leitura de livros factuais ou realistas. Assim, conseguiu impedir essa medida, ao sublinhar a importância que tem para a criança a identificação com o herói e o valor catártico da realização de desejos. Ou seja, não são os contos de fadas que provocam terror: eles fornecem representações para os angustiantes desejos inconscientes e permitem que a criança gradualmente distinga a fantasia da realidade.



O tema dos ataques histéricos também foi retomado em 1933, em “A respeito do ataque hístico”, texto feito a pedido de Freud. Wulff postula que no ataque se expressam modos de pensamento muito primitivos que traduzem sensações e experiências cinestésicas que são modos normais de expressão do bebê, anteriores ao controle da motilidade, à unificação do corpo e ao aceso à fala. Antigas percepções sensoriais podem ser vividas de forma alucinatória e, junto com percepções posteriores, transformadas em ilusões. Essa combinação de alucinação, ilusão e percepção real seria apresentada no ataque hístico e corresponderia a um estágio muito primitivo da constituição psíquica, anterior à constituição do eu.

No caso citado por Freud em “Totem e tabu”, Wulff destaca o “reforço dos componentes homossexuais e um recalque (*Verdrängung*) enérgico dos componentes heterossexuais”, tema que também será retomado em “Um caso de homossexualidade masculina” (1941). A novidade apresentada por Wulff é referir essa modalidade de escolha objetual a uma fixação libidinal precoce com o pai concomitante com um temor a ele, diferentemente da explicação da homossexualidade dada por Freud, como resultado de uma fixação à mãe fálica.

Wulff também retoma o tema da angústia de castração em “Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância” (1927) e num texto publicado em 1955, associando a angústia de castração às fobias. Em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud havia relacionado a angústia de castração ao temor à perda de amor e à angústia de separação da mãe — ambos os componentes favoreceriam o recalamento dos impulsos eróticos direcionados à mãe. Afirmara que, se a masturbação continuasse, o castigo poderia assumir a forma de perda ou castração do órgão, mesmo quando não tivesse havido ameaça efetiva de castração. Wulff (1927; 1955, apud Jaffe, 1981, p. 238) acrescenta que a angústia de castração pode ser angústia de separação deslocada para o pênis, “motivo pelo qual pode aparecer como um sintoma neurótico com a estrutura de uma fobia”.

Assim, Wulff discute que o complexo de Édipo sucumba graças à ameaça de castração, como afirmara Freud em 1926, achando mais provável a hipótese freudiana levantada em 1924 e 1925, quando as influências onto e filogenéticas determinam a queda inevitável do complexo de Édipo. Para Wulff, Freud não reconheceu a angústia de castração nas meninas, mas, se esta pode ter a estrutura de um sintoma fóbico, pode surgir igualmente em meninas e meninos. Nas meninas, a angústia de castração se produziria por deslocamento da angústia de separação para a perda imaginária do falo. Wulff cita o caso de uma menina de 23 meses que, ao ser separada da mãe, gritava “o cachorro arrancou meu pipi”, mas, quando a mãe estava presente, a falta

de pipi não a preocupava. Nesse caso, ele fala em “uma fobia de castração”. Na fase fálica, a angústia de separação pode ser deslocada da mãe para o pai e para os homens em geral, e isso pode acarretar temor à menstruação, ao defloração, ao orgasmo ou ao parto ou também uma grande tensão muscular no abdômen, com consequente prisão de ventre.

Ao disponibilizar “Contribuição para a sexualidade infantil” para os leitores da língua portuguesa, esperamos preencher uma das muitas lacunas da história da psicanálise. Além de ter introduzido aportes que continuam sendo relevantes na atualidade, antecipando ideias que veríamos surgirem mais tarde com Donald Winnicott, Bruno Bettelheim e Jacques Lacan, entre outros, seu autor é uma figura notável e representativa das difíceis circunstâncias históricas em que se constituiu a psicanálise.

Agradeço as valiosas contribuições de Angela May e Renata Cromberg para a elaboração deste texto.

## Referências

- Bénestau, J. (2002). *Mensoges freudiens: histoire de une désinformation séculaire*. Sprimont, BE: Mardaga.
- Brunswick, R. M. (1976). Suplemento a la “Historia de una neurosis infantil” de Freud (1928). In M. Gardiner, *El hombre de los lobos por el hombre de los lobos* (pp. 179-221). Buenos Aires: Nueva Visión.
- Bunzl, J. & Beit-Hallahmi, B. (2002). *Psychoanalysis, Identity, and Ideology: Critical Essays on the Israel/Palestine Case*. Boston/Dordrecht/Nova York/Londres: Kluwer Academic Publishers.
- Cromberg, R. U. (2008). *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Chemouni, J. (1988). *Freud et le sionisme*. Paris: Solin.
- Correspondência Freud/Wulff. Arquivo Freud’s Museum Londres. (inédito)
- Jaffe, R. (1981). Moshe Woolf 1878: pionerismo na Rússia e em Israel. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahan. *A história da psicanálise através de seus pioneiros* (pp. 231-240). Rio de Janeiro: Imago.
- Kloocke, R. (2002). *Mosche Wulff Zur Geschichte der Psychoanalyse in Russland und Israel*. Berlin: Diskord.

- Liebermann, G. (2012). *La psychanalyse en Palestine 1918-1948: aux origines du mouvement analytique israélien*. Paris: Campagne Première.
- Rice, J. L. (1993). *Freud's Russia: National Identity in the Evolution of Psychoanalysis*. New Brunswick, NJ: Transaction.
- Richebacher, S. (2012). *Sabina Spielrein de Jung a Freud*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Roudinesco, E. (2012). Prefácio. In G. Lieberman, *La psychanalyse en Palestine 1918-1948: aux origines du mouvement analytique israélien* (pp. 15-22). Paris: Campagne-Première.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

## Resumos

(Introduction to Moshé Wulff's "Contributions to child sexuality")

"Contributions to child sexuality" is one of the earliest works on child psychoanalysis. Moshé Wulff, describes in detail, three cases of children that suffered from frequent hysterical attacks. Presented in 1911 by the author, in order to apply to the Vienna Psychoanalytical Society, it became, since then, a mandatory reading for training psychoanalysts. Considered by Freud "one of the writers who spoke of the neuroses of childhood with great understanding", Wulff also translated a great number of Freud's works to Russian and Hebrew, besides attending Serguei Pankeiev's (the Wolf Man's) family at Odessa.

**Key words:** Moshé Wulff, hysteria in childhood, child sexuality, history of psychoanalysis

(Introduction à "Contributions pour la sexualité infantine" de Moshé Wulff)

"Contributions pour la sexualité des enfants" est un de premiers travaux sur la psychanalyse avec des enfants. Dans cet article, Moshé Wulff décrit de manière détaillée trois cas d'enfants qui souffrait des attaques d'hystérie fréquents. Avec sa présentation, l'auteur passe à faire part de la Société Psychanalytique de Vienne en 1911, et la lecture de ce travail s'est rendue obligatoire aux analystes en formation. Considéré par Freud "un des auteurs qui parlaient intelligemment de la neurosis de nourrisson", Wulff s'est occupé aussi de la traduction de nombreuses oeuvres de Freud pour le russe et l'hébraïque, en outre avoir été médecin de la famille de Serguei Pankeiev (ou L'homme aux loups), en Odessa.

**Mot clés:** Moshé Wulff, hystérie des enfants, sexualité infantine, histoire de la psychanalyse

(Introducción a “Contribuciones para la sexualidad infantil” de Moshé Wulff)

*“Contribuciones para la sexualidad infantil” es uno de los primeros trabajos sobre psicoanálisis con niños. En este artículo Moshé Wulff describe detalladamente tres casos de niños que sufrían ataques histéricos frecuentes. Al presentarlo, el autor ingresó en la Sociedad Psicoanalítica de Viena en 1911 y su lectura pasó a ser obligatoria para los psicoanalistas en formación. Considerado por Freud “uno de los autores que hablaron inteligentemente de la neurosis infantil” Wulff también tradujo diversas obras de Freud para el ruso y para el hebreo, además de haber sido médico de la familia de Serguei Pankeiev (o el Hombre de los Lobos) en Odessa.*

**Palabras claves:** Moshé Wulff, histeria en los niños, sexualidad infantil, historia del psicoanálisis

(Einführung zu Moshé Wulff’s “Beiträge zur Infantilen Sexualität”)

*“Beiträge zur infantilen Sexualität” ist eine der ersten Arbeiten über Psychoanalyse mit Kindern. Moshé Wulff beschreibt im Detail drei Fälle von Kindern die unter häufigen hysterischen Anfällen litten. 1911 erlangte der Autor durch diese Arbeit den Eintritt in der Wiener Psychoanalytischen Vereinigung. Von da an wurde diese Arbeit auch zur Pflichtlektüre der Lehranalytiker. Freud bezeichnete Wulff “als einer der Autoren die auf einer Intelligenten weise über die Kinderneurose gesprochen haben”. Er übersetzte zahlreiche Werke ins Russische und Hebräische, war auch in Odessa, der Arzt der Familie Serguei Pankeiev (oder der Wolfsmann).*

**Schlüsselwörter:** Moshé Wulff, Hysterie in der Kindheit, Infantile Sexualität, Geschichte der Psychoanalyse.

(介绍莫歇·吴尔夫的“儿童性欲论”)

“儿童性欲论”儿童精神分析学最早的论文之一。在这篇论文里，莫歇·吴尔夫报告了三个儿童歇斯底里症病例。通过研究分析这三个病例，吴尔夫于1911年正式加入维也纳精神分析学会。随后，阅读研究莫歇·吴尔夫的论文也成为精神分析学入门的必修课。弗洛伊德认为吴尔夫是儿童精神分析学方面有独特见解的学者。吴尔夫同时也是一个翻译家。他把弗洛伊德的著作翻译成俄文和希伯来文。他也是“奥德萨的狼人”-谢尔盖·潘克耶夫的家庭医生。

关键词：莫歇·吴尔夫，儿童歇斯底里症，儿童性欲，精神分析学史

**Citação/Citation:** Gueller, A. J. S. de (2016, setembro). Introdução a “Contribuições para a sexualidade infantil”, de Moshé Wulff. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(3), 500-511.

**Editores do artigo/Editors:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck e Profa. Dra. Sonia Leite

**Recebido/Received:** 20.5.2015/ 5.20.2016 **Aceito/Accepted:** 21.7.2016 / 7.21.2016

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

**Financiamento/Funding:** Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes / The research was funded by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

511

**ADELA JUDITH STOPPEL DE GUELLER**

Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, SP, Br); Professora do curso de especialização em Teoria Psicanalítica (COGEAE-PUC-SP); Professora e supervisora do curso de formação Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae (São Paulo, SP, Br); Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, SP, Br).

Rua dr. Homem de Mello, 736 – Perdizes

05007-002 São Paulo, SP, Br

adela@gueller.com.br



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.